

# Considerações sobre a Correlação entre Religião e Violência

Reflections on the Correlation between Religion and Violence

Consideraciones acerca de la Correlación entre Religión y Violencia

**Marcelo da Luz\***

\* Graduado em Filosofia e Teologia; Pós-Graduado em Teologia. Voluntário da Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Conscencial (*Reaprendentia*).

*marcelo\_da\_luz@yahoo.com.br*

## Palavras-chave

Assistência

Hermenêutica

Religião

Violência

## Keywords

Assistance

Hermeneutics

Religion

Violence

## Palabras-clave

Asistencia

Hermenéutica

Religión

Violencia

## Resumo:

Este artigo propõe-se a analisar o nexo entre religião e violência – duas realidades idealmente opostas, contudo inexoravelmente unidas pelos fatos da História. Após elaborar o conceito e construir uma tipologia da violência religiosa, o autor discorre sobre as possíveis variáveis envolvidas nos conflitos religiosos. Entre essas variáveis, recebe destaque o problema da violência subjacente aos livros sagrados das religiões. A fé no conteúdo desses livros qual verdade absoluta e a necessidade de sua defesa contra eventuais dissidentes são apontadas pelo autor como os fatores originários da violência religiosa. O autor conclui não ser a violência elemento apenas tangencial à manifestação religiosa, mas parte intrínseca da mesma.

## Abstract:

The proposal of this article is to analyze the link between religion and violence – two realities ideally opposed, but inexorably united throughout History. After the elaboration of the concept and the typology of religious violence, the author exposes the possible variables involved in religious conflicts. Among these variables, it is worthy of mention the violence which underlies the sacred books. Faith upon the contents of these books as absolute truths, and the need for its defense against potential deviants are pointed out by the author as primary causes of religious violence. Violence is not only tangential to religion, but an inner part of it.

## Resumen:

Este artículo se propone analizar el nexo entre religión y violencia – dos realidades idealmente opuestas, con todo inexorablemente unidas por los hechos de la Historia. Después de elaborar el concepto de construir una tipología de la violencia religiosa, el autor discorre sobre las posibles variables envueltas en los conflictos religiosos. Entre esas variables, recibe destaque el problema de la violencia subyacente a los libros sagrados de las religiones. La fe en el contenido de esos libros cual verdad absoluta y la necesidad de su defensa contra eventuales disidentes son apuntadas por el autor como los factores originarios de la violencia religiosa. El autor concluye no ser la violencia elemento apenas tangencial a la manifestación religiosa, mas parte intrínseca de la misma.

## INTRODUÇÃO

Uma das mais características atribuições dadas à religião é o seu determinante papel na pacificação do coração humano. Na origem das maiores tradições religiosas está a pregação de valores sublimes – amor, perdão, paz e fraternidade universal, entre outros. No entanto, essas mesmas tradições são, paradoxalmente, protagonistas de grande parte dos conflitos bélicos da sangrenta História da humanidade. Um sério problema se estabelece: a religião, ainda a maior escola assistencial do planeta, é, ao mesmo tempo, fator desencadeante de violência e conflito.

Este trabalho procura investigar se a religião causa a violência apenas incidentalmente ou se há algo em sua conjuntura estrutural que a torna intrinsecamente violenta. Dentro da metodologia aplicada pelo autor, a saber, a pesquisa bibliográfica, quatro passos serão tomados:

- a. Delimitação da noção de violência, subsequente tipologia e constatação fatural da sua ocorrência na práxis dos movimentos religiosos.
- b. Consideração das variáveis presentes em um conflito religioso.
- c. Exame dos livros-fonte das religiões quanto ao seu potencial de geração da violência.
- d. Elaboração de hipótese acerca da nascente da violência religiosa.

### 1. QUAL VIOLÊNCIA?

A palavra violência deriva do vocábulo latino *violentia, ae*, o qual designa, em sentido amplo, qualquer comportamento ou ação derivada de *vis* (força, vigor): impetuosidade do vento; ardor do sol; ferocidade; rigor; sanha; força aplicada contra coisas, ambientes e seres, sejam estes humanos ou subumanos, indivíduos ou grupos. Mais especificamente, a violência se distingue da simples aplicação da força. Enquanto a *força* designa genericamente a energia ou intensidade aplicada em determinado movimento, a *violência* é o elemento qualificador negativo da força: ação corrompida ou contaminada pelas emoções negativas – desprezo, rancor, ressentimento, raiva, ira, cólera, fúria, ódio – e intencionalmente voltada à agressão, intimidação, coerção, eliminação ou destruição de outrem. Portanto, a construção de uma definição preliminar de violência inclui ao menos estes dois elementos: emoção e intenção. Quanto à sua aplicação, a violência pode ser realizada tanto impulsivamente quanto de modo deliberado e calculado.

Quando nos referimos à realidade da violência, automaticamente pensamos em sua manifestação física. Contudo, a tipologia da violência é complexa, e mesmo a agressão corporal possui ascendentes níveis de intensidade e consequências (desde um leve ataque até a destruição completa do corpo ou objeto agredido).

Possíveis tipos de violência incluem:

a. **Autoviolência:** desenvolvimento de comportamentos ou expressões agressivas contra si mesmo. A intenção do indivíduo ao se punir, provocando autossufrimento, pode ser motivada pela necessidade de expiar culpa ou preencher vazios existenciais. Formas comuns de autoviolência incluem vícios, entre estes o alcoolismo; o tabagismo; o consumo de drogas; o *workaholism*; a compulsão alimentar; a fixação pelos exercícios físicos; os comportamentos sexuais compulsivos. O suicídio ou sua tentativa é o ápice do ódio a si mesmo, pois implica a consumação da ideia da autodestruição do indivíduo. Muitas práticas autopunitivas são comuns entre as tradições religiosas: o jejum; os castigos corporais autoinfligidos; as peregrinações extenuantes; os votos e sacrifícios cumpridos anualmente em santuários; o cilício; as vestes inibidoras da sexualidade; o celibato; o voto de pobreza; a humilhação diante dos superiores; a ingestão de substâncias alucinógenas, para citar algumas. O suicídio religioso recebe o nome de martírio.

b. **Violência psicológica:** atitudes agressivas não são necessariamente cruentas. É possível minar a autoestima e desfigurar a organização do universo mental de alguém por meio do recurso à rejeição, depreciação, preconceito, discriminação, ameaça, desrespeito, humilhação, assédio moral, silenciosa hostilidade, entre outras atitudes. Graves sequelas emocionais podem acompanhar, durante muito tempo, os indivíduos ou grupos afetados. Programas educacionais promovidos pelas instituições religiosas contêm, em geral, processos de desagregação psicológica, baseando sua metodologia na adequação do indivíduo a modelos pré-estabelecidos (santos, místicos, autoridades eclesiásticas). Essas instituições propõem a substituição do ego pessoal pelo ego ideal do modelo escolhido, deixando pouco ou nenhum espaço para a originalidade pessoal. Uma vez admitido o processo, o membro do grupo religioso perde sua autonomia própria e passa a viver segundo padrões sociológicos anacrônicos, quais sejam: obediência cega aos seus superiores, vestes especiais (há religiosos vestidos segundo os costumes da Idade Média), adoção do vocabulário e ideário da instituição como única chave válida de compreensão do mundo, entre outros. Exemplos vívidos são os seminários, conventos e mosteiros católicos. O mosteiro católico medieval é a matriz original de muitas instituições totais surgidas no Ocidente – hipótese de Castel (1978), Foucault (1982), Goffman (1987) e Benelli (2003). Ainda dentro da Igreja Católica, o movimento *Opus Dei* tem sido responsável até mesmo pela regressão de algumas pessoas ao estado de demência, tamanho o grau de lavagem cerebral ao qual foram submetidas (FERREIRA, LAUAND e SILVA, 2005).

c. **Violência verbal:** consiste no uso da palavra escrita ou falada para humilhar, insultar, ofender, diminuir, ameaçar, coagir, enganar, manipular ou agredir alguém. Incluem-se aqui, entre tantos exemplos, os anátemas proferidos ao longo dos séculos pelos Papas contra os hereges e outros inimigos da Igreja Católica; a ordem de matar o escritor Salman Rushdie (1947- ), dada pelo Aiatolá Khomeini (1900-1989) em 1989; as veementes ameaças de condenação ao inferno, costureira estratégia dos pastores evangélicos no Brasil.

d. **Violência cultural:** a imposição substitutiva de valores, crenças, símbolos, ideias, conceitos e costumes a indivíduos ou grupos de indivíduos. A lavagem cerebral, a imposição dos catecismos e as missões religiosas incluem-se nesta categoria. No dia 12 de outubro de 1995, o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Sérgio Von Helde, em cadeia nacional de TV, xingou e chutou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida – um dos símbolos da religiosidade católica no Brasil.

e. **Violência política:** a interferência, invasão ou dominação de um grupo político sobre outros grupos ou de um Estado dominante sobre outro Estado ou grupo de Estados dominados. A violência política inclui, entre outros, o recurso ao protecionismo ou bloqueio econômico; a ameaça armamentista; a invasão militar; a deflagração da guerra; a irrupção da revolução armada; a cassação de direitos políticos; o exílio; a supressão da soberania de uma nação; a prisão, repressão e eliminação de dissidentes ideológicos; a restrição da liberdade de expressão; o suborno de autoridades; a fraude eleitoral; o golpe de Estado; o nepotismo; a propaganda ideológica; a instauração de regimes totalitários e absolutistas; a guerrilha; a escravidão; o fanatismo nacionalista; o terrorismo. Alguns exemplos, entre os muitos possíveis: a Inquisição Espanhola (1478-1834); as “patrulhas da moralidade” no Irã, a partir de 1979; a imposição da *sharia* (código de leis islâmicas baseadas no Alcorão) no Sudão, em 1983, quando amputações, chibatadas e apedrejamentos foram realizados em cerimônias públicas previamente anunciadas; a guerrilha entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte; as violentas manifestações de cristãos radicais contra as clínicas abortivas nos Estados Unidos; os assassinatos de Anwar El Sadat (1981) no Egito, Yitzhak Rabin (1995) em Israel e Benazir

Bhutto (2007) no Paquistão; os atentados terroristas assumidos por diversos grupos muçulmanos ao redor do globo no início do Século XXI.

f. **Violência social:** manifesta-se nos conflitos oriundos da integração entre diversos organismos e classes componentes das sociedades humanas. Figuram, entre outros exemplos, a criminalidade; as agudas desigualdades entre classes sociais; a fome; a miséria; o precário sistema público de saúde; a corrupção generalizada; a poluição sonora; os conflitos no trânsito; a mortalidade infantil; a ausência de oportunidades educativas; a prostituição forçada; o desemprego; os baixos salários; os impostos abusivos; o desvio de verbas públicas; a concentração de renda. Ao longo da História, muitas religiões tornaram-se opulentas, impondo pesadas taxas aos fiéis, enquanto seus líderes acumulavam riqueza e exibiam ostentação. Exemplos clássicos são os Fariseus e Saduceus, grupos judaicos predominantes no tempo de Jesus; muitos Papas católicos, especialmente durante a Baixa Idade Média e toda a Idade Moderna; o místico hindu Bhagwan Shree Rajneesh (1931-1990), mais conhecido como “Osho”. Exemplos hodiernos envolvem muitos líderes das igrejas neopentecostais no Terceiro Mundo, envolvidos em casos de sonegação e estelionato.

g. **Violência física:** compreende uma vasta gama de manifestações agressivas contra o corpo e contra a vida de indivíduos ou grupos sociais. O emprego da violência física pode realizar-se no embate corpo a corpo ou no emprego de instrumentos que causam a morte ou infligem dor. Desde a invenção do cajado até as atuais armas de destruição de massa, a sofisticação da capacidade humana para a aniquilação de sua própria espécie é um dado permanente. Dentre as ações autofágicas reproduzidas ordinariamente pela raça humana, estão incluídas, entre outras, o espancamento; o trabalho forçado; a aplicação da tortura; a mutilação; o homicídio; o genocídio; a limpeza étnica; a guerra. Este tipo de violência causado pelas religiões, ou a elas relacionada, é abundante na História. Exemplos contundentes são os sacrifícios humanos realizados pelas religiões pagãs; as Cruzadas (1095-1278); a Inquisição Católica (Baixa Idade Média e Idade Moderna); as guerras entre protestantes e católicos na Europa nos Séculos XVI e XVII; a Rebelião de Taiping na China (1850-1871), com seus vinte milhões de vítimas; a profunda influência do Zen-Budismo na cultura de guerra japonesa nos Séculos XIX e XX; os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 em New York e Washington, D.C., assumidos por fundamentalistas islâmicos.

h. **Violência sexual:** constitui uma modalidade de abuso físico ou mesmo psicológico, no qual o corpo de uma pessoa é molestado ou violado sexualmente contra sua própria vontade. Contam-se, entre suas possíveis expressões, o assédio libidinoso, o estupro e os atos de pedofilia. Um dos exemplos mais pungentes é a avalanche de casos de pedofilia revelados ao público a partir de 2002, envolvendo sacerdotes e bispos católicos nos Estados Unidos e vários outros países.

i. **Violência ambiental:** integra ampla série de agressões contra o ambiente. São exemplos, entre outros, a poluição dos mares, rios e fontes; o desperdício de água; o desmatamento; a poluição sonora; a emissão de gás carbônico na atmosfera; a caça ou pesca esportiva e predatória; o extermínio de espécies vivas; a extração abusiva de recursos naturais. Grandes quantidades de metais preciosos foram extraídas na América Latina, África e Extremo Oriente para a fabricação de estátuas, templos e objetos sagrados. O extermínio de algumas espécies animais também foi, em diversas regiões, resultado do uso das mesmas em rituais religiosos primitivos. Exemplo comum de violência ambiental é o barulho imposto, no Brasil, por muitos templos e igrejas aos seus vizinhos, compelidos a ouvir sermões e cânticos despejados de alto-falantes intrusivos.

j. **Violência simbólica:** recurso à violência de modo sublimado em atividades canalizadoras da agressividade humana para formas controladas e socialmente “aceitáveis”, reproduzidas em *settings* artifi-

ciais. Dentre as modalidades mais difundidas deste tipo de violência estão os esportes, o cinema e a tele-dramaturgia. Este tipo de violência aparece em muitas religiões, qual sublimação da primitiva necessidade dos sacrifícios humanos para aplacar a ira dos deuses. No Catolicismo, o sacramento da Eucaristia, encenação diariamente repetida do sacrifício de Jesus Cristo, ocupa lugar central na hierarquia de ritos e mistérios.

**k. Violência contra minorias:** combinação de várias modalidades de opressão dirigidas a grupos ou subgrupos específicos, contra os quais se tem preconceito. Exemplos dignos de nota são as manifestações de agressão física e psicológica às mulheres e crianças em todas as nações do mundo. Estes dois grupos são especialmente vítimas de violência sexual. Mais uma vez, incluem-se aqui os numerosos casos de pedofilia perpetrados por sacerdotes católicos e os constantes abusos aos quais mulheres são submetidas em vários países de tradição islâmica.

Na presente análise da vinculação entre religião e violência, o significado desta última compreende todos os tipos de violência elencados acima. Abrange, em especial – mas não exclusivamente – a erupção da violência organizada, isto é, as atrocidades apoiadas ou causadas por grupos e tradições religiosas, cujos interesses políticos e doutrinários levaram ao extremo a perseguição sistemática aos seus párias, a prática da tortura, a disseminação da “guerra santa” e a consumação do extermínio de inteiras populações.

## 2. CONFLITOS RELIGIOSOS

Em muitas guerras, massacres e outros episódios violentos do passado e do presente da humanidade, a religião aparece ora como causa principal do conflito, ora qual fator de significativo relevo somado a outros no trágico desenlace. Impressionantes listas de sangrentos embates de fundo religioso preenchem as páginas de enciclopédias e livros, dos quais os recentes *best sellers* “Perseguições Religiosas” (2003) e “O Livro Negro do Cristianismo” (2007) são exemplos. A simples leitura diária dos jornais é suficiente para se constatar o fato dos choques entre religiões estarem contados entre as mais ameaçadoras fontes de conflitos no mundo.

Tomando-se como critério sua abrangência ou alcance universal, as colisões explícitas entre sistemas de fé podem ser classificadas em quatro níveis, aqui apresentados em ordem decrescente:

1. **Megaconflitos religiosos:** compreendem os choques beligerantes entre diferentes civilizações, os quais conferem a estes confrontos uma dimensão global ou intercontinental. São exemplos históricos: as *Cruzadas*, campanhas militares nas quais a civilização ocidental, munida da religião cristãcatólica, opôs-se às civilizações de cultura árabe, de religião muçulmana, e bizantina, de religião cristãortodoxa, na disputa pelos territórios da Palestina; a *conversão forçada* ao cristianismo das civilizações indígenas nas Américas, processo no qual a cruz mimetizou a espada.

2. **Macroconflitos religiosos:** referem-se às guerras religiosas entre diferentes países ou blocos de países, partícipes da mesma civilização. O alcance desse tipo de situação é internacional. São exemplos os sangrentos embates da “Guerra dos Trinta Anos” entre católicos e protestantes, os quais arrasaram os países da Europa Central entre 1618 e 1648.

3. **Miniconflitos religiosos:** referem-se às agressões e manifestações belicistas entre grupos regionais dentro de uma mesma nação. Exemplos: os violentos choques entre hindus, muçulmanos e *sikhs* na Índia; os banhos de sangue envolvendo muçulmanos, cristãos e animistas no Sudão; as rivalidades entre sunitas e xiitas em vários países islâmicos; as guerrilhas entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte. É possível incluir nesta categoria os mecanismos repressivos criados pela religião de Estado para garantir

a obediência compulsória aos seus dogmas, a instalação da teocracia e a punição dos dissidentes. Recorde-se o “governo de Deus na terra” estabelecido no Irã pelo Aiatolá Khomeini em 1979; a Inquisição Católica durante a Baixa Idade Média e Idade Moderna.

**4. Microconflitos religiosos:** são situações cotidianas nas quais indivíduos se agridem – verbal ou fisicamente – em decorrência de suas crenças divergentes. Podem também se encaixar aqui uma vasta gama de situações rotineiras e incruentas, nas quais a discriminação, a intolerância, o fanatismo e o espírito de seita condicionam o comportamento dos indivíduos. Atitudes agressivas de menor proporção – evitar a comunicação com membros de outra fé, usar camisetas e adesivos de propaganda sectária, manifestar força por meio de gigantescas passeatas e megashows, entre outras – não deixam de representar uma tácita ruptura da paz.

O alto número de episódios violentos ao redor do globo – especialmente aqueles em nível macro e, mais recentemente, os atentados terroristas assumidos por movimentos radicais islâmicos –, leva muitos acadêmicos e debatedores a considerarem a religião uma das fontes primárias da violência contemporânea. Por outro lado, os líderes e apologistas religiosos negam peremptoriamente qualquer relação causal entre suas crenças e as manifestações de violência ou terrorismo, atribuindo a responsabilidade de tais situações à interpretação distorcida de indivíduos ou grupos isolados. Faz-se necessário perguntar: *que tipo de variável representa a religião dentro dos conflitos belicistas cujo aparente estandarte é a defesa de uma específica tradição?*

Seria ingênuo considerar os motivos religiosos como os únicos fatores desencadeantes dos certames denominados “guerras santas”. Na zona de conflito, a religião tem sido, inegavelmente, fator de estímulo, exasperação ou justificativa das hostilidades entre grupos humanos. De fato, as maiores tradições religiosas do mundo possuem vasto histórico de legitimação do uso da violência, o recurso à chamada “guerra justa”. No entanto, os confrontos bélicos frequentemente envolvem outras variáveis, tais como questões étnicas, disputa de território, retaliações e ideologias políticas.

Ao menos dois fatores devem ser levados em consideração em uma análise do vínculo entre religião e violência. O primeiro fator é o problema dos livros sagrados das religiões, nos quais são abundantes os trechos justificatórios de todo tipo de violência. O segundo fator é a necessária contextualização sócio-político-econômica dos atores envolvidos nos conflitos religiosos, pois a religiosidade não é realidade atemporal. Ao contrário, ela reproduz e potencializa as tendências mais amplas da sociedade na qual se insere. Quando postas sob a luz da História, as tradições religiosas apresentam um traço comum em seu desenvolvimento: todas elas buscaram, em algum momento, aliança com os poderes estatais, a fim de assegurar a supremacia de seus dogmas e estender o domínio e a riqueza de seus sacerdotes.

### **3. O PROBLEMA DOS LIVROS SAGRADOS**

Os textos sagrados – oráculos, escrituras e revelações, nos quais as maiores religiões fundamentam suas origens – apresentam um grave problema: estão repletos de apelos à violência descritos em linguagem ambivalente. A ambiguidade da linguagem religiosa reside no fato de um mesmo texto servir tanto a interpretações intolerantes, geradoras de cruel fanatismo, quanto a interpretações condescendentes, inspiradoras de movimentos pacifistas. Esta ambiguidade torna-se letal no momento em que os religiosos atribuem a autoria do texto aos seus respectivos deuses ou divindades.

Algumas citações tiradas dos livros sagrados das três maiores religiões monoteístas do planeta ilustram o quanto a defesa do patrimônio espiritual pode levar ao derramamento de sangue:

a. **Judaísmo.** A violência nos livros do Antigo Testamento é abundante. Esse texto sagrado está entre os épicos mais sangrentos da literatura universal. Um dos títulos mais recorrentes do deus de Israel ao longo do Antigo Testamento é o belicoso epíteto “Deus dos Exércitos”:

“Portanto, diz o Senhor, o *Senhor dos Exércitos*, o Poderoso de Israel: Ah! Tomarei satisfações aos meus adversários e vingarei-me dos meus inimigos” (Livro de Isaías, 1:24).

O Deus Iahweh exige para si mesmo a adoração exclusiva dos israelitas. Não poupa seu próprio povo do castigo da morte quando este o decepciona. Nesta passagem, ele ordena o fratricídio entre as próprias tribos de Israel como punição pela idolatria:

“Vendo Moisés que o povo estava desenfreado, pois Arão o deixara à solta para vergonha no meio dos seus inimigos, pôs-se em pé à entrada do arraial e disse: Quem é do Senhor venha até mim. Então se juntaram a ele todos os filhos de Levi, aos quais disse: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Cada um cinja a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, cada um, a seu amigo, e cada um, a seu vizinho. E fizeram os filhos de Levi segundo a palavra de Moisés; e caíram do povo, naquele dia, uns três mil homens. (...) Então, disse o Senhor a Moisés: riscarei do meu livro todo aquele que pecar contra mim. Vai, pois, agora, e conduze o povo para onde ele te disse; eis que o meu anjo irá adiante de ti; porém, no dia da minha visitação, vingarei, neles, o seu pecado. Feriu, pois, o Senhor ao povo, porque fizeram o bezerro que Arão fabricara” (Livro do Êxodo 32:25-28 e 33-35).

No livro dos Salmos, um dos escritos do Antigo Testamento, o orador sagrado assim se dirige aos seus inimigos persas:

“Filha da Babilônia, que hás de ser destruída, feliz aquele que te der o pago do mal que nos fizeste. Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra” (Salmo 137:8-9).

b. **Cristianismo.** O evangelho segundo Mateus relata uma perturbadora passagem, na qual Jesus reclama para si a exclusividade do afeto de seus discípulos. A dedicação a ele deve superar aquela devida ao cônjuge, filhos e parentes mais próximos. Cristo afirma literalmente ter vindo trazer a espada – à época, a arma de guerra mais usada – e a divisão no seio das famílias:

“(…) aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas a espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á” (Evangelho segundo Mateus, 10:33-39).

Ao enviar discípulos em missão religiosa, Jesus os instrui a ameaçarem os ouvintes por meio do recurso à promessa do castigo:

“Quando, porém, entrardes numa cidade e não vos receberem, saí pelas ruas e clamai: Até o pó da vossa cidade, que se nos pegou aos pés, sacudimos contra vós outros. Não obstante, sabeis que está próximo o reino de Deus. Digo-vos que, naquele dia, haverá menos rigor para Sodoma do que para aquela cidade. Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom, se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido, assentadas em pano de saco e cinza. Contudo, no Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até o céu? Descerás até o inferno. Quem vos der ouvidos ouve-

me a mim; e quem vos rejeitar, a mim me rejeita; quem porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou” (Evangelho segundo Lucas, 10:10-16).

No livro dos Atos dos Apóstolos, Paulo de Tarso, passando uma temporada na cidade grega de Éfeso, após persuadir e batizar novos discípulos, incitou outros, por meio de pregações e gestos miraculosos, a destruírem seus livros. Abriu-se, assim, um precedente para a depredação cultural, a qual futuramente recrudesceria repetidas vezes em nome da fé:

“Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinqüenta mil denários. Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente” (Atos, 19:19-20).

c. **Islamismo.** O Alcorão, principal livro da tradição islâmica, reúne revelações que teriam sido ditadas pelo Anjo Gabriel em nome do Deus Alá ao profeta Muhammad (569-630), na Arábia, durante o Século VII e.c. Esse texto sagrado recomenda:

“Mas quando os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, acoasai-os e espreitai-os; porém, caso se arrependam, observem a oração e paguem o zakat, abri-lhes o caminho. Sabei que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo” (Sura 9:5).

Durante os anos transcorridos em Medina (623-626), o profeta Maomé não apenas permite, mas ordena aos fiéis guerrearem defensivamente:

“Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores. Matai-os onde quer que os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos” (Sura 2:190-191).

Aos opositores de Alá e seu profeta Muhammad, estão reservados quatro tipos de castigo:

“O castigo, para aqueles que lutam contra Deus e contra o Seu Mensageiro e semeiam a corrupção na terra, é que sejam mortos, ou crucificados, ou lhes seja decepada a mão e o pé opostos, ou banidos. Tal será, para eles, um aviltamento nesse mundo e, no outro, sofrerão um severo castigo” (Sura 5:33).

Centenas de outros trechos de conteúdo semelhante podem ser encontrados nas três obras supracitadas. Nesses textos, massacres, extermínios, mutilações, saques e estupros são praticados em obediência à vontade dos deuses. Esse fato deveria ser suficiente para levar o leitor religioso a, de um lado, pôr em dúvida a superioridade ética das revelações recebidas e, de outro lado, questionar o caráter antropomórfico dos discursos divinos, isto é, perguntar-se o quanto as características atribuídas aos deuses são, no final de tudo, a projeção externa dos próprios interesses humanos.

Tomadas isoladamente, há outras tantas passagens nestes livros capazes de inspirar nobres iniciativas. Mas é também verdade – e uma verdade predominante na história humana – que os textos violentos conduziram e continuam a conduzir indivíduos e grupos a protagonizarem todo tipo de tragédia. Acentuar os trechos pacíficos desses livros não apagará a presença de outros tantos inspiradores de segregação, ódio e carnificina. E – consideremos este fato – as próprias religiões armaram para si mesmas uma cilada hermenêutica: não é possível subtrair nenhum trecho dos livros sagrados, pois todas as suas palavras são consideradas, integralmente, “verdade revelada”, “palavra de Deus”. Portanto, os textos-fonte das religiões,

em razão de conterem em si as sementes da violência, continuarão a alimentar nacionalismos, absolutismos e fanatismos. Nos livros sagrados, a guerra santa e todos os seus horrores não são simples desvios de interpretação, mas iniciativas anunciadas e encorajadas pelas maiores autoridades religiosas: patriarcas, sumos-sacerdotes, profetas, santos e pregadores de todas as classes. Os eventos sangrentos são parte central da mensagem desses livros.

#### 4. A DEFESA DAS VERDADES DE FÉ: NASCENTE DA VIOLÊNCIA RELIGIOSA

A problemática dos livros sagrados nos reporta à estrutura *sui generis* das religiões: suas instituições, lideranças e códigos normativos reivindicam uma origem divina. Todas acreditam ser depositárias de uma verdade transcendental e absoluta, a qual define o destino último de toda a humanidade. O fiel adere a essa verdade religiosa por meio da fé.

A experiência da fé, uma vez codificada em estatutos ou expressa em escrituras, torna-se objetiva referência para a uniformização de doutrinas, rituais, comportamentos e organização hierárquica. Divergências quanto à legítima interpretação das verdades de fé serão sempre motivos de contenda dentro de uma organização religiosa. Como a verdade revelada é absoluta, e parte dessa revelação é a investidura de autoridades que a possam interpretar corretamente, eventuais discordâncias nunca serão bem-vindas. Surge a necessidade de proteger a interpretação oficial contra todo perigo de oposição interna e externa. A História das religiões nos ensina que a defesa da ortodoxia, partindo da simples censura à voz dissidente, pode recrudescer em um *crescendum*, até atingir os sombrios patamares da eliminação física dos adversários ideológicos.

Embora esse processo de autodefesa institucional seja recorrente em todas as tradições religiosas, o núcleo potencial da violência parece residir em instância ainda anterior à própria institucionalização da fé. Indivíduos dotados da convicção de ser a sua crença a vontade de um deus a eles confiada, e que do conhecimento dessa mensagem depende todo o destino do mundo, podem – mesmo desvinculados de qualquer instituição – perpetrar atos de violência para fazer valer seus ideais. É como se eles tivessem, em sua imaginação, um salvo-conduto emitido pela própria divindade, em nome da qual os objetivos de conversão devam ser atingidos, não importando os meios empregados. Assim, é na estrutura irracional da fé que se esconde a semente da violência praticada pelos crentes de todas as denominações religiosas da Terra. Alguns objetarão ser esse o processo do fanatismo fundamentalista, o qual não deveria ser tomado pela religião como um todo, mas simplesmente como sua excrescência doentia. No entanto, as expressões de virulência fundamentalista ou os atos insanos cometidos pelos fanáticos religiosos são apenas extrapolações da intolerância que permeia sub-repticiamente toda a estrutura da religião.

A apresentação de uma ideia, qualquer que ela seja, sob a capa de verdade absoluta, trará à luz, inevitavelmente, manifestações de força para garantir sua predominância. A eliminação *a priori* da possibilidade de discussão ou debate a respeito de tal ideia já lhe confere caráter de imposição. Esta é a natureza das assim chamadas “verdades de fé”: estão revestidas de uma autoridade inquestionável. Sua formulação se equaciona à própria verdade dos deuses, quaisquer sejam os nomes e idiosincrasias a eles atribuídos. O crente comum tem sempre a convicção de que sua tradição é detentora da verdade única, pela qual ele ou ela será exortado a dar a vida. O sentimento de possuir uma missão – aquela de propagar a verdade divina – quando assumido com fervor, desencadeia a atividade da persuasão, cujos mecanismos são de coerção psicológica, uma vez que o mensageiro traz a verdade absoluta e ao seu interlocutor não resta alternativa senão render-se à sua pregação.

Comunidades religiosas, em geral, alimentam um poderoso ego coletivo, alimentado pela ideia de ser, cada uma delas, o “povo escolhido”. Essa crença é o elemento propulsor das missões religiosas, cujos objetivos fundamentais são a multiplicação de conversões à fé e à expansão da área territorial de influência da religião. Um agressivo proselitismo contribui para o desmantelamento da identidade cultural de indivíduos e grupos sociais. Uma eventual rejeição da “proposta” de salvação apresentada será retribuída com a condenação ao sofrimento eterno. Essa coerção – a princípio apenas psicológica – pode evoluir para formas mais incisivas de ameaça, as quais podem incluir castigos físicos, depredação ou destruição de bens associados a ideias divergentes (livros, templos, objetos de arte, entre outros), expulsão da comunidade com subsequente alienação da vida social, morte física (pena capital) e espiritual (condenação à perdição eterna) e, em última instância, a deflagração do genocídio ou a declaração de guerra a grupos opositores.

Os mecanismos de coerção tornam-se mais eficazes quando a religião se alia ao poder estatal. Nesse caso, há uma simbiose de interesses para a afirmação inquebrantável do poder. Os líderes religiosos precisam da estrutura do Estado para consolidar a homogeneidade da fé imposta e garantir a legalização dos mecanismos de repressão a possíveis dissidências. Governantes, por sua vez, garantem melhor o controle das massas e sua permanência no poder ao identificarem sua administração com os princípios imutáveis da religião.

## CONCLUSÃO

À questão inicial – é a violência apenas consequência acidental das manifestações religiosas ou é a religião, na sua conjuntura estrutural, o gatilho para a deflagração de violência? – este autor responde: *a religião é intrinsecamente violenta*. As razões dessa hipótese baseiam-se na longuíssima série de episódios violentos envolvendo direta ou indiretamente as religiões ao longo da História. As sementes da violência podem ser encontradas nos livros sagrados – textos-fonte das religiões – aos quais seus adeptos dão incondicional consentimento de fé. Esses livros, cujo conteúdo é sempre atribuído a uma divindade ou a um representante divinamente autorizado, inspiram a criação de estruturas coercitivas contra vozes dissidentes. Os objetivos expansionistas dos credos religiosos, quando em aliança com os poderes governamentais, são potenciais estopins para o estabelecimento de regimes opressivos e a deflagração de guerras e genocídios.

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, João Ferreira de (trad). **Bíblia Sagrada**. S. L.: Ed. Trinitariana, 1990.
2. BENELLI, Sílvio J. **Pescadores de Homens**: a produção da subjetividade no contexto institucional de um seminário católico. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2003.
3. CASTEL, R. **A Ordem Psiquiátrica**: a Idade de Ouro do Alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
4. FERREIRA, Dario F.; LAUAND, Jean e SILVA, Márcio F. **Opus Dei**: os Bastidores. Campinas: Ed. Verus, 2005.
5. FO, Jacopo; TOMAT, S. e MALUCELLI, L. **O livro negro do cristianismo**: dois mil anos de crimes em nome de Deus. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
6. FOUCAULT, Michel. **A Vontade de Saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
7. GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
8. HAUGHT, James A. **Perseguições religiosas**: uma história do fanatismo e dos crimes religiosos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

### *Referências infográficas*

1. MUHAMMAD. **O Alcorão**. Centro Islâmico do Brasil. Disponível em: <<http://www.arresala.org.br>>. Acesso em: 15.01.09.

---

*Bibliografia consultada*

1. APPLEBY, R. Scott. **The Ambivalence of the Sacred: religion, violence, and reconciliation.** New York: Carnegie Corporation of New York/ Rowman & Littlefield Publishers Inc., 2000.
2. BINGEMER, Maria Clara L. (org). **Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo.** São Paulo: Loyola, 2001.
3. JUERGENSMEYER, Mark. **Terror in the Mind of God: the global rise of religious violence.** 3. ed. Berkeley/Los Angeles/ London: University of California Press, 2003.
4. SELENGUT, Charles. **Sacred Fury: understanding religious violence.** Walnut Creek CA: Altamira, 2003.
5. VIEIRA, Waldo. **Homo sapiens pacificus.** Foz do Iguaçu: Editares, 2007.
6. WEAVER, Denny J. **Violence in Christian Theology.** In: Cross Currents, Summer 2001, Vol. 51, N. 2.

*Infografia consultada*

1. ELLUL, Jacques. **Violence: Reflections from a Christian Perspective.** Disponível no site: <<http://www.religion-online.org/showchapter.asp?title=573&C=715>>. Acesso em: 15.12.08.
2. JUERGENSMEYER, Mark. **Is Religion the Problem?** In: Global & International Studies Program, University of California, Santa Barbara. Disponível no site: <<http://repositories.cdlib.org/gis/21>>. Acesso em: 15.12.08.

